



## A IGREJA MATRIZ DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

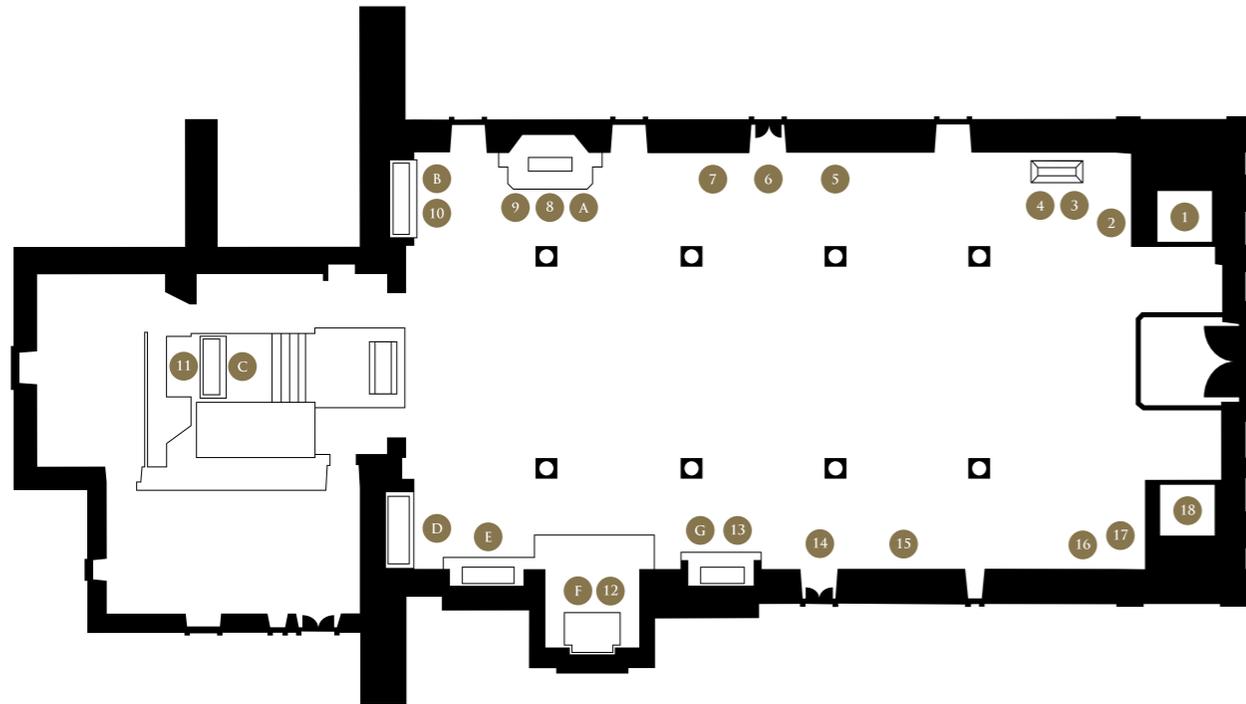


A HISTÓRIA E A ARTE

# IGREJA MATRIZ DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

## MONUMENTO NACIONAL CLASSIFICADO EM 1922

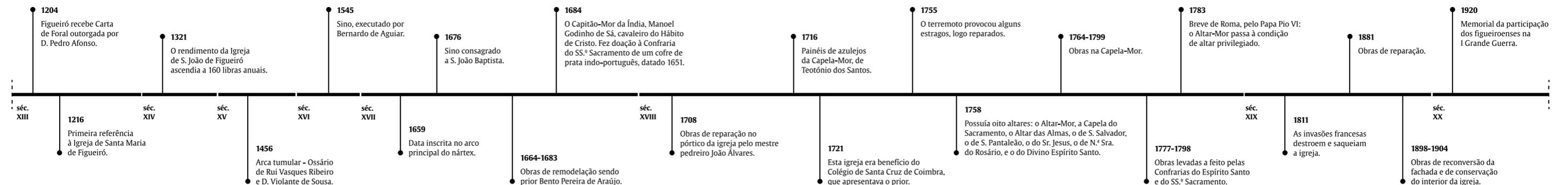
### PARÓQUIA DE S. JOÃO BAPTISTA



#### LEGENDA

- Batistério**
- 1 • Pia batismal, em pedra de Ançã.
  - S. João Baptista. Pintura sobre madeira. Século XVI.
- 2 Retrato de D. Fr. Manuel de Santa Catarina, Carmelita Descalço e Bispo de Cochim. Óleo sobre tela. Século XVIII (pertence ao Convento de Nossa Senhor do Carmo).
- Arca tumular - Ossário**
- 3 de Rui Vasques Ribeiro e Dona Violante de Sousa, senhores de Figueiró e Pedrógão (1456).
- 4 Cristo a caminho do Calvário. Óleo sobre tela. Século XVII-XVIII.
  - 5 Nascimento de Jesus. Óleo sobre madeira. Século XVII.
  - 6 Nascimento de S. João Baptista. Óleo sobre tela. Século XVIII.
  - 7 Adoração dos Reis Magos. Óleo sobre madeira. Século XVII.
  - 8 Representação do Pentecostes (descida do Espírito Santo). Século XVII.
  - 9 Escultura que representa a Santíssima Trindade. Século XV.
  - 10 Esculturas em madeira de Nossa Senhora e S. José. Século XVIII.
  - 11 O Batismo de Cristo, de José Malhoa. Óleo sobre tela, 1904.
  - 12 Cristo Crucificado. Escultura do século XVIII.
  - 13 Cristo Crucificado. Escultura de Simões de Almeida (Tio), c. 1900.
  - 14 A Última Ceia. Óleo sobre tela. Século XVIII.
  - 15 S. Sebastião. Óleo sobre tela. Século XVII.
  - 16 Aparição de Cristo a S. João da Cruz, de Josefa de Óbidos. Óleo sobre madeira. Século XVII (pertence ao Convento de Nossa Senhora do Carmo).
  - 17 Degolação de S. João Baptista ou Salomé a receber a cabeça de S. João Baptista. Óleo sobre tela. Século XVII.
  - 18 Antigo sino da Igreja. Data de 1545 e foi executado por Bernardo de Aguiar.
- A Capela do Espírito Santo.
  - B Capela de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.
  - C Capela-Mor, dedicada a S. João Baptista.
  - D Capela do Sagrado Coração de Jesus.
  - E Capela de Nossa Senhora das Dores.
  - F Capela do Santíssimo Sacramento.
  - G Capela de Nosso Senhor dos Aflitos.

#### CRONOLOGIA



## A IGREJA MATRIZ DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

- Das Origens ao Século XVIII •

É no século XIII que o território de Figueiró dos Vinhos se consolida enquanto concelho, através da carta de foral outorgada por D. Pedro Afonso em maio de 1204. Com a bula “*Cum venerabilis frater*” de Inocêncio III, datada de 20 de maio de 1216, surgem referidas algumas igrejas na região norte do distrito de Leiria:

“(…) in ecclesis de Pedregonis, de Dornas, de Maçanas, de Arega, de Figeiro, de Murta, de Alvezera, de Palombario”.

Constata-se assim, a existência da Igreja de Figueiró dos Vinhos, entre outras, nesse ano de 1216.

Diversos documentos dos séculos XIII e XIV aludem à organização eclesial da região geográfica de Figueiró e dos concelhos circunvizinhos. Num rol de igrejas do Bispado de Coimbra, redigido possivelmente entre os anos de 1220 e 1229, surge uma das primeiras referências à Igreja de *Sancta Maria de Figeiroó*. Verificamos, contudo, que entre 1320 e 1321, e de acordo com o Catálogo de todas as Igrejas, Comendas e Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal e Algarves, a Igreja de



Fig. 1  
Arca tumular [ossário], 1456.

Figueiró, então já dedicada a *Sancto Johannis*, via os seus rendimentos estimados em 160 libras anuais.

Apesar da escassez documental, tudo leva a crer que a Igreja de Santa Maria de Figueiró tivesse entrado em abandono ou ruína, surgindo, porém, em meados do século XIV, uma outra, ou porventura a mesma, reerguida e dedicada a S. João Baptista. Continua a figurar em 1371 nos róis das igrejas e dízimas eclesiásticas da diocese de Coimbra enquanto *Ecclesia de Figueyroo*.

A importância e afirmação de Figueiró e Pedrógão nos séculos XIV e XV é notória, sendo de realçar o facto de Rui Vasques Ribeiro e sua esposa D. Violante de Sousa, virem a ser trasladados por seu filho João Rodrigues de Vasconcelos, em 1456, para uma arca tumular [ossário]<sup>Fig.1</sup> quatrocentista na Igreja de S. João Baptista em Figueiró. Esse ossário, hoje localizado na nave lateral direita, esteve originalmente na capela-mor, do lado esquerdo, de onde foi removido provavelmente quando do revestimento da mesma com azulejos datados de 1716.



Da mesma época, e possivelmente do mesmo conjunto tumular, faria parte a imagem da Santíssima Trindade, peça escultórica quatrocentista que atualmente se encontra na capela do Espírito Santo. A capela foi instituída por um prior de Arega, sendo, ao tempo de D. Afonso V, administrada pelos Senhores de Figueiró e Pedrógão.

Nos finais do século XV, e até meados do século XVII, Figueiró dos Vinhos gozava de prestígio cultural e religioso, estendendo-se o mesmo ao domínio económico. Nesse período foram realizadas obras de reforma da Igreja Matriz, destacando-se a construção do portal renascentista, do púlpito e do arco da capela-mor, que ainda se conserva. Também um novo sino, executado por Bernardo de Aguiar, está datado de 1545, mas da conclusão destas obras, ficou registada a data de 1659 no arco principal do corpo da igreja, e a data de 1676 no sino consagrado a S. João Baptista.

Ainda no século XVII, constata-se a importância de Bento Pereira de Araújo, natural de Ponte da Barca, prior em Figueiró dos Vinhos, entre 1664 e 1683, tendo nesse período levado a efeito obras de remodelação na Igreja Matriz.

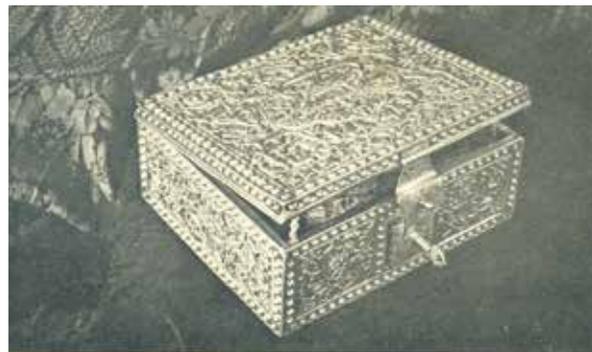


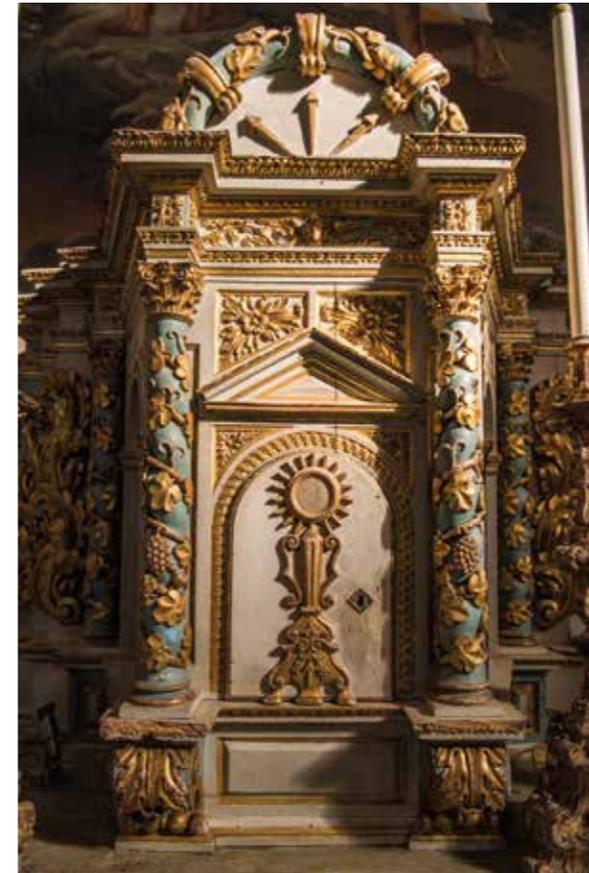
Fig. 2  
Cofre de prata indo-português, 1651.

O Capitão da Índia, Manoel Godinho de Sá, que foi cavaleiro do Hábito de Cristo e Capitão-Mor da Índia, onde andou 38 anos, passando parte destes na China, tendo regressado ao reino muito rico, fez doação à Confraria do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos de um “excelente cofre de prata, cheio de pregaria, por Deus o haver trazido ao Reino”<sup>Fig.2</sup> (Escritura lavrada em Figueiró em 1684, sendo tabelião Luís da Rosa). Este cofre, que ostenta a data de 1651, já esteve patente em várias exposições nacionais e estrangeiras, entre as quais na Europália, em Bruxelas e na Sorbonne, em Paris, por se tratar de um exemplar único no país, considerado uma jóia da ourivesaria Indo-Portuguesa de seiscentos.

Nas Informações Paroquiais de 1721, o prior Dom António das Chagas Coutinho informava que a Igreja Matriz era, naquela época:

“templo de boa architettura, e grandeza feita ao moderno, a qual não ha memória de sua edificação, de que he Orágo e Padroeiro São João Baptista, da qual he apresentação in solidum do Collegio Novo de Sancta Crux da Cidade de Coimbra (...) Há nella tres beneficios Collados dous dos quais são apresentados pelo Reytor do Collegio de Sancta Crux de Coimbra e outro que anda anexo á Mitra deste Bispado, e nella ha hum Coadjutor apresentado pelo mesmo Reytor para assistir a administração dos Sacramentos”.

Fig. 3  
Pormenores do Retábulo do Altar-Mor



Possuía esta igreja oito altares em 1758, a saber:

“o altar-mor aonde costuma estar o Sacratio<sup>Fig.3</sup> (por que hoje por estar a Capella mor arruinada à seis annos está em huã Capella chamada do Sacramento aonde esteve ao seu principio), o altar das Almas, o de São Salvador, o de São Pantaleão, o do Senhor Jesus, o de Nossa Senhora do Rosario, o do Divino Espirito Santo, e huã Capella do Sacramento aonde hoje se acha o Sacratio”.

No ano de 1764 iniciaram-se as obras na capela-mor, as quais se estenderiam até 1799. Gastar-se-iam, nesse ano, para pintar o cimo da tribuna 1 000 réis, e, no ano seguinte, foram pagos 1 600 réis com o concerto da dita tribuna, mais 13 400 réis com as obras dessa capela, executadas pelo pedreiro Patrício José de Castro, natural de Nogueira em Viana do Castelo. Continuaram as obras em 1766, tendo o prior Alexandre de Mello Abreu de S. Payo realizado os seguintes gastos:

“18.500 ao pintor Teotónio por huma obra que fes na capela mor = mais despedi em hum estrado que mandei fazer para o altar mor 100, hum bancozito para se chegar ao sacratio: 2.070 réis, mais dei por broxas para se preguem as esteiras no estrado do altar mor 50 réis”.

No ano de 1767 compraram-se três assentos para o altar-mor pela quantia de 600 réis, sobre os quais se afirmava, em 1885, que tinham sido “feitos em Coimbra a 6 de maio de 1772 por António dos Santos” e que a

Irmandade do Santíssimo teria mandado fazer uns novos “em outubro de 1886 para aproveitar as almofadas dos doutros que existiam em muito mau estado (...) E os novos foram feitos nesta villa de Figueiró dos Vinhos aos 28 de outubro de 1886 e custaram 400 réis”.

Em 4 de janeiro de 1775, o referido prior descrevia esta igreja como sendo “hum templo magnifico”. Todavia, declarava que ela carecia de vários reparos no forro, portas e telhados, e que a fábrica maior era pertença do Colégio da Sapiência de Coimbra, que, além da cera, doava todos os anos 14 000 réis. Apresentava esta igreja, à data, sete altares, sendo que dois deles pertenciam a José Regela e a José Lopes Roque. No ano de 1777, a Confraria gastava 7 000 réis na pintura e douramento de seis castiçais e uma cruz e na limpeza de uma imagem do Senhor que se pôs na dita cruz. No ano seguinte adquiria um turíbulo novo que importou em peso e feitio, com uma caldeirinha em cobre para lhe pôr dentro, 54 860 réis.

Foi a partir de meados do século XVIII que a Confraria do Santíssimo despendeu grandes quantias monetárias na aquisição, arranjo e restauro de tecidos, pinturas, ornamentos e peças de prata que enriqueceram a Igreja Matriz.

Em abril de 1780, a Irmandade do Divino Espírito Santo registava em acórdão:

“andava a pregão ha urna e banquetta e supedanio que pertendem fazer no altar do Devino Espirito Santo e andando a pregão a quem por menos a fizeçe aseitarão o mais piqueno lanço de 4.200 a Joze Mendes Lopes desta villa e a Manoel Caetano de Oliveira ambos mestres carpinteiros e ajustarão de fazer a ditta urna a imitação da que se hacha feita no Convento de N. S.<sup>a</sup> do Monte do Carmo desta villa no altar de S. Joze”.

Havia a Irmandade do Santíssimo solicitado à Santa Sé, em 1783, um Breve de Roma, pelo qual desembolsara 9 680 réis, para que o altar-mor desta igreja alcançasse a condição de altar privilegiado - o que viria a acontecer pela mão do Papa Pio VI. Nesse ano, a Confraria comprara ainda tafetá e forro para o pátio e ordena o conserto dos dois pátios existentes, tendo gasto 4 180 réis - a que acresceram 600 réis para o feitio do pano do púlpito. No ano de 1796, adquiriram, também, entre outras peças, uma custódia e uma caldeirinha novas pelo valor de 74 760 réis. Todavia, desfizera-se nesse ano da custódia velha e de uma lanterna pela quantia de 128 500 réis.

No ano de 1758, o Altar-Mor encontrava-se em ruína, tendo apenas sido intervencionado no final do século XVIII.

Entre maio de 1796 e junho de 1797, empregou essa Confraria avultadas quantias em obras na Capela do Santíssimo desta igreja.



Fig. 4  
Azulejos de Teotónio dos Santos, 1716.

Nesse mesmo ano, a Confraria do Santíssimo procedeu ao termo de aprovação das contas correspondentes a 1796-1797, de que passamos a citar:

“forão aprovadas estas contas depois de por mim escrivão lhe serem lidas, estando presente o Pintor Domingos Niculão, que fes a obra da pintura da Capela por elle foi dito ser verdadeira a despeza lansada nas contas a f. 141v., e por iso assignava o presente termo com os officiais de huã, e outra meza”.

Entre os anos de 1797 e 1798, continuaram a ser desembolsados elevados montantes em certas obras, como, por exemplo:

“Com a pintura das grades da Capella - 12.000 réis. De madeira, pregos, e feitio da Esa - 4.100 réis. Com a postura das quartinas, fitas, trança, linhas, pregos, cordel, escapolas, trabalho do alfaiate, e carpinteiro, e com armar o trono - 3.215 réis. Com o oiro para o Sacratio - 3.480 réis”.

No ano de 1799, as obras são dadas como concluídas, tendo o Pe. José António Ferreira da Cruz ofertado 6 400 réis no sentido de se transportar o Santíssimo para a nova capela. A Confraria do Santíssimo, nessa data, pagara ao Irmão Reverendo José Craveiro de Faria, assistente em Lisboa, 28 800 réis pela aquisição, nessa cidade, de um baldaquino para a Irmandade do Santíssimo.

No século XVIII, foram executados pelo pintor Teotónio dos Santos, os painéis de azulejos<sup>Fig.4</sup> da Igreja de S. João Baptista de Figueiró dos Vinhos, sendo uma das melhores obras de azulejaria portuguesa da região centro do nosso país.

É também de talhe setecentista a Sagrada Família existente na capela de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da qual já não existe a imagem do Menino Jesus.



Relógio da torre



Pormenor escultórico da fachada



Marcas dos canteiros nas pedras exteriores da cabeceira da Igreja



Lanterna - rosácea da fachada

S. João Baptista do escultor Simões de Almeida (Tio)

Gárgula em forma de cabeça de animal



Cachorro renascentista da Porta do Sol



Portal renascentista - pormenor

CAPITÉIS RENASCENTISTAS DA ORDEM JÓNICA

ARCO RENASCENTISTA POLICROMADO

SANEFAS

No século XX foram suprimidas todas as sanefas de talha que encimavam os altares.

GRADEAMENTOS

No século XX foram suprimidas as balaustradas de madeira entalhada.

• Os séculos XIX e XX •

Em março de 1811, os moradores de Figueiró dos Vinhos, assim como a maior parte dos moradores das terras da região estremenha, sofreram as maiores atrocidades provocadas pelas Invasões Francesas aquando da sua retirada de Portugal. Nesse período os edifícios públicos, religiosos e civis foram deixados, na sua maioria, destruídos em parte ou na sua totalidade. Daí, que muitas capelas, igrejas, mosteiros e conventos tenham sofrido imensos danos e prejuízos e a maioria das obras de arte não tenham chegado até à atualidade, o que não chega a ser representativo do esplendor e riqueza que existiu nesta região nos séculos antecedentes.

No ano de 1896, os paroquianos da vila de Figueiró sentiam necessidade de procederem a obras de conservação e remodelação da sua Igreja Matriz, como se es-

crevia no jornal “O Zêzere”, órgão da imprensa local, a 6 de dezembro de 1896: “Como fizemos sentir, torna-se urgente a reconstrução da igreja matriz d’esta freguesia”. Todavia, tinham já sido feitas diversas intervenções de restauro e conservação desta Igreja Matriz em anos anteriores, sendo que entre os anos de 1881 e 1885 a Junta da Paróquia desta vila registava que:

“se pagou a Manoel Soares Pinto, por servissos de jornas em repregar a talha da Capella Mór, pintar a mesma, olio e tintas que comprou para aquelle servisso, e mais despesas que fez para efectuar aquella obra, e bem a sim a compra de uma Cruz de ferro vinda de Lisboa, pintura da mesma e collocalla na frente e inicio da Igreja Parochial 127\$700. Pello que pagou a Custodio Simões



Fig. 5  
Vista geral do interior da igreja no início do século XX.

d’Almeida, por solhar o coro, fazer a porta para o coro, chumbada, com fixadura, e pintada, fazer o caixilho com vidros pintado da janella do coro, concertar a vidraça pondo-lhe os vidros na janela da Capela mor, concertar os cabeçalhos dos sinos, e pintalos, oliar as grades de ferro das janelas resgadas da Igreja, concerto da Porta do Sol, ferragem e pintura, um fixo para a porta principal, e uma fixadura para a porta da Casa do despacho 56\$000”.

Nessa época foi constituído um grupo de benfeitores, integrando várias personalidades, entre as quais: Prior Diogo Pereira Baetta e Vasconcellos, Dr. Manuel Pereira Baetta e Vasconcellos, José Manuel Godinho, Joaquim d’Araújo Lacerda, António d’Azevedo Lopes Serra, Custódio José da Costa Guimarães, Joaquim Fernandes Lopes, João Lopes de Paiva e Silva e Manuel Quaresma d’Oliveira.

Estas obras decorreram entre os anos de 1898 e 1904, sob a direção do arquiteto Luiz Ernesto Reynaud (que ao mesmo tempo dirigia a construção do Casulo de Malhoa), tendo sido inauguradas com pompa e circunstância no dia da festa de S. João Baptista, padroeiro de Figueiró dos Vinhos, em 1903. O arquiteto Luiz Ernesto Reynaud foi contratado pelo escultor Simões de Almeida (Tio) e a convite do pintor José Malhoa, tendo sido reformulada a fachada, com exceção do pórtico Renascença.

Em 24 de dezembro de 1902, a comissão das obras de restauro da igreja procedeu à contratualização, em escritura pública, da empreitada de execução da “limpeza, reparação, pintura e douradura do altar-mor, trono e sanefas das janelas e lado frontrario ao altar”, com António Marques d’Araújo pelo valor de um conto e cem mil réis. Este ajuste consigna as condições de execução da obra, sobretudo, o ouro a aplicar que deveria ser de vinte e dois quilates e meio, o tipo de dourado, o brilho, as várias pinturas, devendo em tudo ficar idênticas aos altares já dourados do Santíssimo e de Nossa Senhora do Rosário, aludindo-se ainda que esta empreitada deveria ficar concluída até dia 15 de julho de 1903.

No ano de 1904, o pintor José Malhoa dá por concluído o quadro “O Baptismo de Cristo”, que prometera oferecer à Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos. Recordemos, aqui, um excerto do que a Junta da Paróquia desta vila registou em sessão extraordinária realizada a 23 de maio de 1904:

“Que tinha convocado a Junta para esta sessão extraordinária afim de lhe dar conta d’um officio que lhe havia sido dirigido pelo Ex.mo Commendador José Victal Branco Malhã, no qual o mesmo Senhor offerece a esta Igreja um magnifico e grandioso quadro alusivo ao Baptismo de Christo que é, sem a menor dúvida, uma offerta que merece registo especial nos archivos d’esta freguezia, para que, os que nos sucederem na vida, saibam que essa preciosidade artística foi generosamente offertada pelo seu autor sem despeza alguma para esta Junta e ainda acompanhada de palavras tão amáveis e bondosas que revelam o caracter do seu autor e que devem captivar e penhorar todos ao habitantes d’esta nossa vila. A Junta prestando respeitosa homenagem ao Distinto Artista que corôu as obras de reparação da nossa igreja com o fruto do seu grande talento, e de sua nobre alma, resolveu por unanimidade que se lançasse na acta um voto d’eterno reconhecimento pela distincção que se dignou dispensar a um povo que muito o estima”.

Da participação dos figueiroenses na I Grande Guerra ficou um memorial em placa de pedra talhada<sup>Fig.6</sup> pelo mestre canteiro Júlio Soares Pinto, onde se registaram os nomes dos combatentes, inaugurada em 19-10-1920, junto ao arco da Capela-Mor.

Em 6 de novembro de 1920, o bispo auxiliar de Coimbra, D. António, visitou Figueiró dos Vinhos, tendo ficado registado no jornal O Figueiroense, a sua visita da seguinte maneira:

“Sua ex.<sup>a</sup> administrou o crisma a centenas de pessoas, foi em piedosa procissão visitar o cemitério e celebrou missa de Pontifical, actos que foram extraordinariamente concorridos e que decorreram no meio da melhor ordem”.



Fig. 6  
Memorial aos Combatentes da 1.ª Grande Guerra.

Numa outra notícia, deste mesmo periódico, destaca-se a participação de Figueiró na Grande Guerra, sendo noticiado:

“Quando foi da recente visita episcopal á nossa terra foi colocada na Egreja Matriz desta vila uma lápide de mármore contendo os nomes de todos os paroquianos e filhos desta freguezia que tomaram parte na grande guerra, sendo a sua inauguração efetuada com grande solenidade e com assistência de sua ex.<sup>a</sup> reverendissima o sr. Bispo Auxiliar de Coimbra.

Pelo decreto 8331, de 17 de agosto de 1922, e sob proposta do Ministro da Instrução Pública, foi a Igreja Matriz classificada como Monumento Nacional, em virtude do seu valor arqueológico e artístico.

Durante o período de 1917 a 1950, em que foi pároco e arcepreste de Figueiró dos Vinhos, o Pe. António Inglês (1878-1950) cultivou-se especialmente a música sacra, tendo aquele clérigo criado uma orquestra e um coro, que ele próprio ensaiava e dirigia. É digna de nota a obra musical que encomendou, a um seu amigo e colega de Aveiro, também músico, o Pe. António Estevam (1883-1950), uma missa de Requiem que se destinava a engrandecer as cerimónias do Dia dos Fiéis defuntos. Obra erudita, escrita para três vozes, órgão e orquestra, denota elevada qualidade técnica e estética, sendo demonstrativa por isso do grau de brilhantismo dos cerimoniais religiosos de então. A partitura da 1.ª voz encontra-se datada e assinada pelo autor: Figueiró dos Vinhos, 29 de setembro de 1939. A qualidade e a quantidade das partituras de peças sacras existentes em Figueiró, deste período, demonstram a preocupação em compor propositadamente para este agrupamento musical. Exemplo disso é a presença de composições de João P. Mineiro, Raul Morais Franco, Carlos Araújo, entre outros.



Fig. 7  
S. João Baptista. Pintura sobre madeira. Século XVI.

A Sacristia alberga várias obras de arte de importância e valor patrimonial. Contém uma parte do arcaz de madeira de umbila, proveniente do Convento de Nossa Senhora do Carmo, de apreciável dimensão, bem como três cadeiras de castanho, de talhe seiscentista. Ostenta uma pintura em madeira representado “A adoração dos Magos”, de traço Renascença, uma imagem em pedra policromada de Nossa Senhora do Rosário, de quinhentos, uma escultura em madeira de

Fig. 8  
Altar de Nosso Senhor dos  
Aflitos no início do século XX.

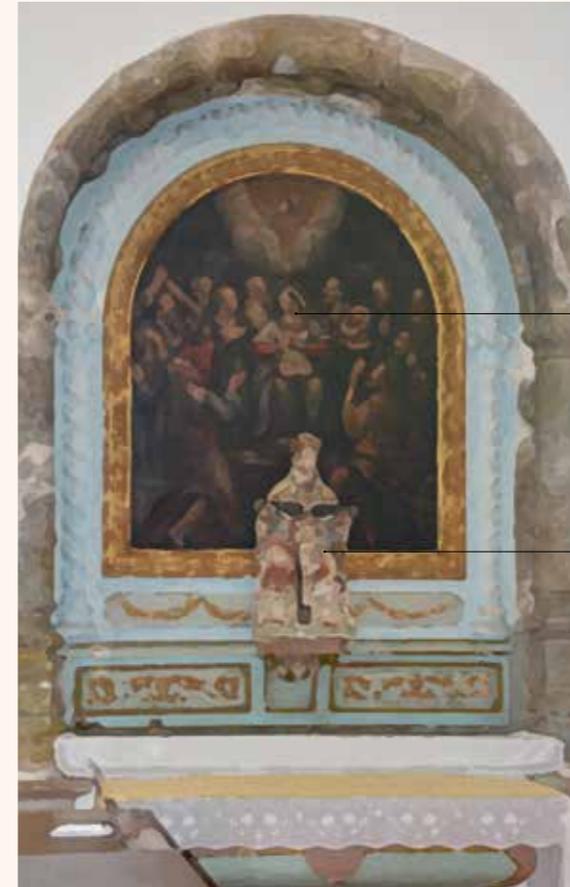


Santa Clara, acharoadada a ouro e policromada e uma imagem em pedra policroma de Santo Antão. Existência de um presépio em terracota e de vários paramentos e alfaias, de diversas épocas.

Em 1942, um temporal derruba parte dos anexos que estavam adoçados ao exterior do corpo da igreja. Já nos anos 60, do século XX, sofreu obras de conservação e restauro, tendo-lhe sido suprimidas as grades de ferro forjado que separavam as naves, bem como as balaustradas de madeira entalhada que fechavam a Capela-Mor e a capela do Santíssimo Sacramento e o púlpito, para além da supressão das sanefas de talha que encimavam os altares e do arco que guarnecia a Capela de Nosso Senhor dos Aflitos<sup>Fig.8</sup>. Nesta capela, foi ainda suprimido então, o fresco do pintor José Malhoa que ornava o fundo do altar. Demolida também a sacristia do lado sul, com porta para a Capela-Mor, que se conserva.

Continuamos a observar e a contemplar todo o legado patrimonial e artístico da Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos, que durante oito séculos, foi sendo edificado por cada um dos seus intervenientes, com saber, empenho e mestria. Um património que permanece e que faz da multiseccular Igreja de S. João Baptista de Figueiró dos Vinhos o monumento com maior valor simbólico do concelho numa rica simbiose entre a Arte, Religião e História.

## CAPELA DO ESPÍRITO SANTO



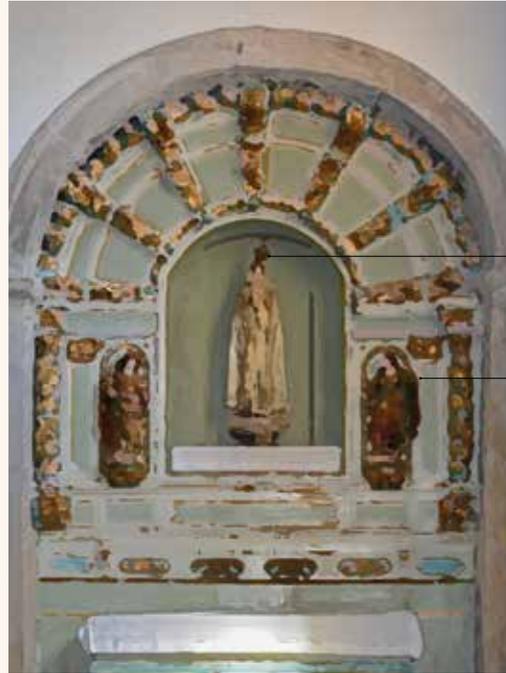
Representação do Pentecostes  
(descida do Espírito Santo).  
Século XVII.

Escultura que representa a Santíssima Trindade.  
Século XV.



Esta Capela havia sido instituída por um prior da Vila de Arega, sabendo-se que no reinado de D. Afonso V era administrada pelos Senhores de Figueiró e Pedrógão. Estes devem-na ter outorgado nessa época ao seu parente Lopo Rodrigues de Magalhães.

Esta Capela permaneceu sempre nas sucessivas gerações da linha direta de Branca de Magalhães, tendo sido pertença de seu filho Diogo Cotrim, casado com Catarina Leitão. Estes tê-la-ão passado a seu filho, Simão de Magalhães, pai de Joana Vieira de Magalhães, consorte de Manuel Torrado da Vide, o Novo, moradores nas Vilas de Figueiró dos Vinhos e Pedrógão Grande, durante o século XVI.



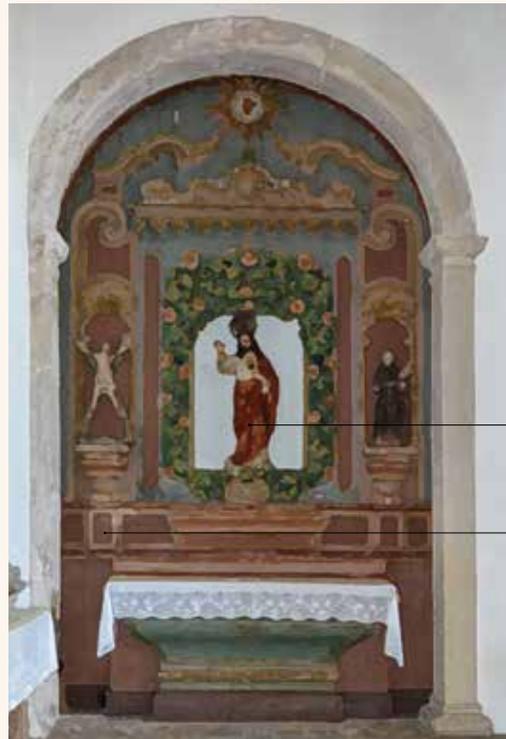
## CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

Nossa Senhora do Rosário de Fátima do século XX. Antes do culto a Nossa Senhora de Fátima, era o Altar de Nossa Senhora do Rosário, cuja imagem se encontra na sacristia.

Esculturas em madeira de Nossa Senhora e S. José. Século XVIII.



## CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Sagrado Coração de Jesus do século XX.

S. Pantaleão, padroeiro da Feira Anual de Figueiró dos Vinhos, a 27 de julho. No século XVIII tinha um altar próprio.



## CAPELA-MOR

O Batismo de Cristo, José Malhoa. Óleo sobre tela, 1904.



Retábulo de talha policromada e dourada setecentista.

No século XVIII (1716) foram executados pelo pintor Teotónio dos Santos os painéis de azulejos, sendo uma das melhores obras de azulejaria portuguesa da região centro no nosso país.

Recordemos, aqui, um excerto do que a Junta da Paróquia desta vila registou em sessão extraordinária realizada a 23 de maio de 1904:

“Que tinha convocado a Juncta para esta sessão extraordinária afim de lhe dar conta d’um officio que lhe havia sido dirigido pelo Ex.mo Commendador José Victal Branco Malhõa, no qual o mesmo Senhor oferece a esta Igreja um magnifico

e grandioso quadro alusivo ao Baptismo de Christo que é, sem a menor dúvida, uma offerta que merece registo especial nos archivos d’esta freguezia, para que, os que nos sucederem na vida, saibam que essa preciosidade artística foi generosamente offertada pelo seu autor sem despeza alguma para esta Junta e ainda acompanhada de palavras tão amáveis e bondosas que revelam o caracter do seu autor e que

devem captivar e penhorar todos ao habitantes d’esta nossa vila. A Juncta prestando respeitosa homenagem ao Distinto Artista que corõou as obras de reparação da nossa igreja com o fruto do seu grande talento, e de sua nobre alma, resolveu por unanimidade que se lançasse na acta um voto d’eterno reconhecimento pela distincção que se dignou dispensar a um povo que muito o estima”.



## CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS DORES

Maquineta barroca com a imagem de Nossa Senhora das Dores. É provável ter sido antes o Altar de S. Salvador, conforme de Informações Paroquiais de 1758.



## CAPELA DE NOSSO SENHOR DOS AFLITOS

Cristo Crucificado. Escultura de Simões de Almeida (Tio), c. 1900.



Nesta Capela foi suprimido o fresco do pintor José Malhoa que ornava o fundo do altar, bem como o arco que a guarnecia.



## CAPELA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Cristo Crucificado. Escultura do século XVIII.



“Em fazer renovar a Capela para o Santíssimo Sacramento que constou de rebaxala seis palmos, apear as columnas, cal recentalas, romper a parede de tras, fazer outra de novo, fazer o ladrilho de cantaria, e madeirar por sima da abobeda de novo, alguma telha, rebocar, e caiar a capela por fora, e por dentro, com os officiaes, que fizerão tudo isto 18.805 reis. Com os páos, padeiras, para madeirar a capela, ripas e pregos para a mesma 2.210 reis. Com cal,

areia, e telha para a dita capela 6.250 reis. Com a obra do retábulo, altar, credencias, e sacrário, que se rematou a Manoel Craveiro de Sá Pereira, 28.000 reis. Mais com dar ao ditto por se acrescentar o risco da obra, 3.040 reis. Em fazer a cruz, e peanha para o Santo Christo, e a limpar as repor as do retabolo 2.230 reis. Com a pintura de toda a Capela, arco, retabolo, camarim, sacrario, cruz com o oiro, tintas, óleo, e com o Mestre Pintor Domingos Niculao 63.905

reis. Em argolinhas para as cortinas, quinhentos, e sesenta reis. Com o feitio das grades da Capella, madeiras, pregos, e ferrage 22.020 reis. Com o feitio do arco, e madeira e pregos para se sigurar as cortinas, 1.420 reis. Com dois de chumbo para chumbar os cancaros das grades, 160 reis.”



A Volta dos  
Artistas



Cofinanciado por:

